

Vendas caem 1,1%

MARIANA FLORES

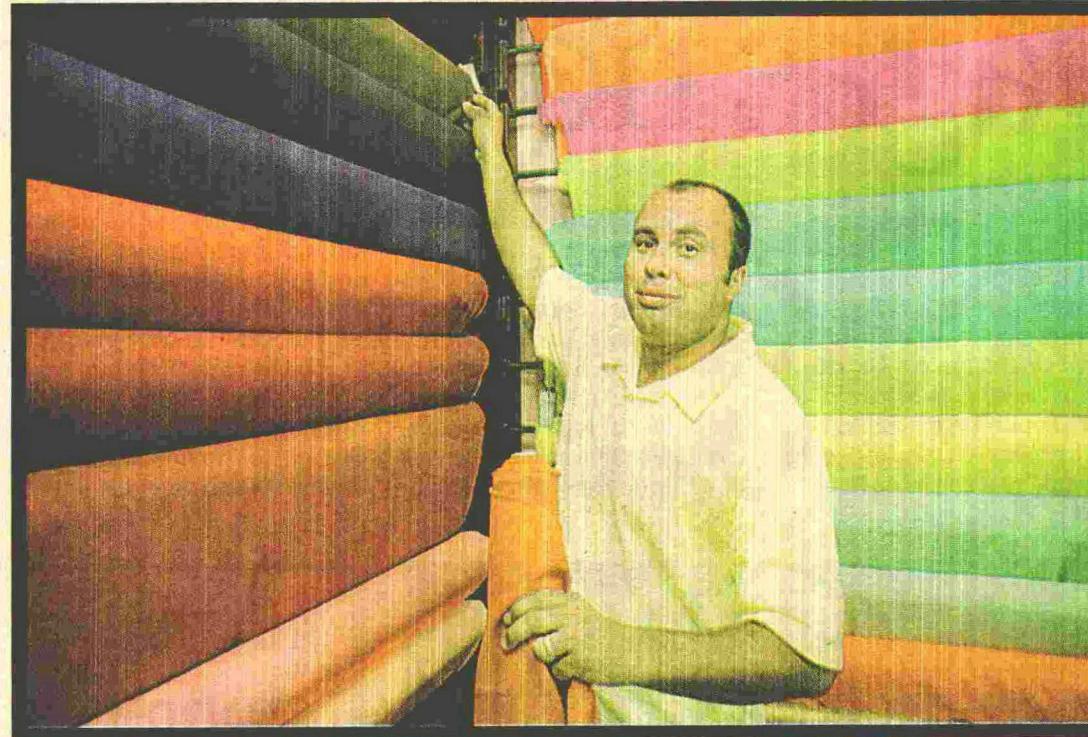
DA EQUIPE DO CORREIO

O comércio do Distrito Federal chegou ao fundo do poço. Esta foi a constatação do presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), Adelmir Santana, ao anunciar o balanço de agosto do setor. O volume de vendas vem caindo mês a mês desde janeiro. A única excessão foi em maio, quando as vendas cresceram 1,3% em função do Dia das Mães. Já o Dia dos Pais não causou tanta comoção. O movimento em agosto caiu 2,2% em relação a julho, considerado tradicionalmente

fraco devido às férias escolares.

A queda é considerada ainda mais crítica quando comparada com o mesmo período do ano anterior. As vendas no mês passado foram 1,1% menores que as registradas em agosto de 2002, quando a economia brasileira passava por uma crise gerada pelas incertezas em relação ao ano eleitoral.

A esperança dos comerciantes deverá ser a queda dos juros ao consumidor final. Segundo o consultor econômico Raul Velloso, a população ainda não sentiu os efeitos da diminuição da taxa Selic, que passou de 26,5% para 20%, de junho até setembro. Mas ele acredita que isso se dará ainda nos próximos dias. "O cenário



dos próximos meses mostra uma recuperação certa da economia ainda neste mês. A queda dos juros ativa as vendas, aumentando as contratações", afirma.

Os setores que tiveram pior desempenho nas vendas, em

comparação a julho deste ano, foram os de autoparques (-21,7%), calçados (-21,3%), tecidos (-12%) e farmácias (10%). Os números divulgados pela Fecomércio não surpreenderam Ricardo Farias, proprietário de uma loja

de tecidos na 306 sul. "As vendas vêm caindo cada vez mais. Setembro deveria ser um mês bom, mas não há clientes. Espero que melhore daqui até o dia 10 de dezembro com as festas de final de ano", torce.

**RICARDO FARIAS,
DONO DE UMA LOJA
DE TECIDOS, ESPERA
QUE AS VENDAS
MELHOREM ATÉ O
COMEÇO DE
DEZEMBRO**

A desaceleração nas vendas são responsáveis por uma queda de 0,70% no nível de emprego. Entre os setores que registraram uma diminuição na oferta de mão-de-obra destacam-se o de informática (3,7%), de materiais esportivos (3,2%) de supermercados (2,9%) e de farmácias (2,3%). A expectativa é que as festas de Natal e Réveillon sejam responsáveis por diminuir o desemprego. "Esperamos recuperar o índice de contratações tradicionais nos últimos dois meses do ano, que é de 10% do total de funcionários no comércio. No ano passado, esse índice não passou de 5%", afirma Adelmir.